



# O ENVOLVIMENTO DOS EUA NO SUDESTE ASIÁTICO (III)

Antonio Sergio Geromel

---

*Continuação de artigos publicados nas edições novembro/dezembro 87 e janeiro/fevereiro 88 de A Defesa Nacional, em que foram abordados os tópicos relativos à colonização francesa na Indochina, à guerra da Indochina, o período entreguerras e a guerra do Vietnã, nos períodos dos governos Kennedy-Johnson (1961-1964), Johnson (1965-1968) e Nixon (1969-1972).*

*No presente bloco de informações, o autor examina a guerra do Vietnã no período Nixon-Ford (1973-1975), o pós-guerra e conclui seu ensaio sobre o tema proposto.*

---

## A GUERRA DO VIETNÃ: GOVERNO NIXON - FORD (1973-1975)

**N**ixon iniciou seu segundo mandato presidencial, tendo garantido ao presidente Thieu, por escrito, que os EUA seriam intransigentes em caso de nova agressão comunista e voltariam a intervir militarmente no Vietnã. Outra garantia para a paz foi a composição de uma Comissão Inter-

nacional, com representantes das Forças Armadas da Hungria, Polônia, Indonésia e Canadá, encarregada de supervisionar os Acordos de Paris.

Logo, porém, os fatos mostraram que a Comissão Internacional era incapaz de manter o cessar-fogo e que a pressão da opinião pública norte-americana jamais possibilitaria o retorno de tropas ao Vietnã. De qualquer forma a "paz honrosa" para os EUA fora conseguida, tendo

Henry Kissinger e Le Duc Tho sido agraciados com o Prêmio Nobel da Paz (o norte-vietnamita recusou o prêmio alegando ainda não haver paz no seu país).

As últimas forças militares americanas deixaram o Vietnã do Sul em 29 de março de 1973 e foram realmente efetivadas as trocas de prisioneiros de guerra. Em contrapartida, os acordos

sobre eleições gerais nunca saíram do papel e o cessar-fogo passou a ser violado freqüentemente, em pequenos combates. Após um longo envolvimento militar (Fig 8-1), no qual passaram pelo Vietnã do Sul mais de 2,7 milhões de seus soldados, os EUA se retiraram em situação amplamente desfavorável, deixando o cenário pronto para a agonia do governo de Saigon.

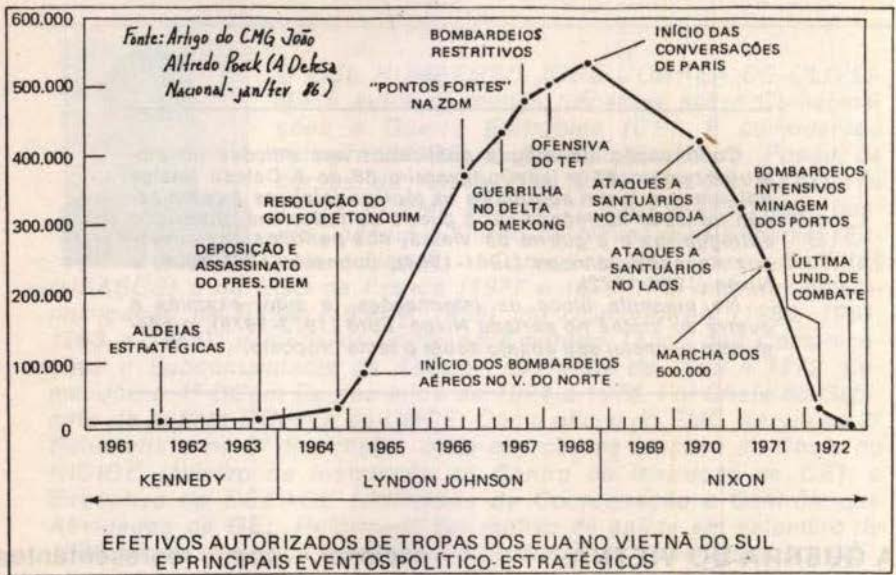


Fig 8-1

Sobre a troca de prisioneiros de guerra, Hanói libertou 566 norte-americanos, sendo a maioria pilotos abatidos sobre o Vietnã do Norte, mas os Estados Unidos afirmam ter permanecido no Vietnã um grande número de prisioneiros, computados entre os 2.483 soldados

tidos oficialmente como desaparecidos (talvez chegue a 300 os americanos mortos nas prisões comunistas, vítimas de maus tratos). Os outros números do trágico balanço da intervenção americana também causam impacto: 58.022 mortos e mais de 300.000 feridos, muitos destes



ainda com sérias perturbações emocionais. Os nomes dos mortos hoje encontram-se alinhados no mármore negro do "Vietnam Veterans Memorial", em Washington, num tardio reconhecimento do governo dos EUA.

Durante todo o ano de 1973 os combates continuaram entre o Vietnã do Sul e os comunistas, com vantagem para o ESV, equipado com um superarsenal pelos EUA, nos meses que antecederam os acordos de paz. O ENV e o Vietcong, debilitados pelas pesadas baixas da Ofensiva da Páscoa, permaneceram na defensiva enquanto se reorganizavam, agora com um substancial aumento da ajuda soviética.

Em meados de 1973 a possibilidade de nova intervenção americana ficou ainda mais remota, em razão da crise política nos EUA, ocasionada pela descoberta do envolvimento do governo Nixon no chamado escândalo Watergate. Esse fato teve início quando membros do Partido Republicano, ao qual pertencia Nixon, foram surpreendidos na tentativa de instalar sistemas de escuta clandestina no escritório dos democratas, no edifício Watergate, em Washington, durante a campanha presidencial de 1972. Na esteira do escândalo, em novembro de 1973 o Congresso aprovou a chamada Resolução dos Poderes de Guerra, que impedia o presidente de ordenar operações militares sem prévia autorização, manifestando evidente

desconfiança nas atribuições presidenciais relativas à guerra.

A partir do final de 1973, os comunistas, já com suas forças reestruturadas, passaram à ofensiva, impondo sérias baixas ao ESV. Na realidade 100.000 norte-vietnamitas infiltraram-se no Vietnã do Sul e 30.000 prisioneiros libertados foram novamente treinados e armados, enquanto no Laos e no Camboja o ENV concentrou mais 100.000 soldados. O fluxo de homens e suprimentos pela Trilha Ho Chi Minh (agora livre dos bombardeios americanos, com longos trechos pavimentados e dotada de um oleoduto) passou a ser intensificado. Por sua vez, o governo de Saigon teve a ajuda econômica americana sensivelmente reduzida, ficando sem condições de fazer frente aos fantásticos gastos militares, sobretudo com combustível, cujos preços foram drasticamente aumentados após a Guerra do Yom Kippur, ocorrida em outubro de 1973, entre árabes e israelenses.

Em 8 de agosto de 1974, em cadeia nacional de televisão, o presidente Nixon anunciou a sua renúncia, alegando não mais contar com o apoio do Congresso. Na realidade, o seu objetivo foi escapar ao processo de *impeachment*, movido contra ele em consequência do caso Watergate. No outro dia, 9 de agosto, o vice-presidente Gerald Ford tomou posse como o 38º presidente dos EUA, descompromissado com o envolvimento



militar americano no Vietnã. Durante o ocaso do Vietnã do Sul, no ano seguinte, ao ser solicitada a ajuda dos EUA, Ford declararia que a Guerra do Vietnã já havia terminado "no que se referia aos EUA".<sup>1</sup>

No início de 1975, o Vietnã do Norte e o Governo Revolucionário Provisório do Vietnã do Sul (organizado pela FLN em 1969), ao perceberem que não provocariam nova intervenção dos EUA, decidiram lançar uma grande ofensiva final. O principal indicador para a tomada de decisão pelos comunistas foi a conquista, em janeiro de 1975, de Phuoc Binh, capital da província de Phuoc Long, sem a mínima reação americana, a não ser meros protestos diplomáticos.

Paralelamente ao avanço comunista no Vietnã do Sul, também desmoronava o frágil governo de Lon Nol no Camboja, ante as forças do Khmer Vermelho, apoiadas pelo Vietnã do Norte. A vitória dos comunistas começou a ser delineada em agosto de 1973, quando os EUA suspenderam o bombardeio aéreo daquele país, depois de pressões do Congresso. No final de 1974, Phnom Penh estava cercada e em 25 de fevereiro de 1975 o presidente Ford solicitou verbas extraordinárias para tentar salvar o agonizante governo pró-americano, mas não obteve resposta do Congresso. A embaixada americana foi evacuada, por helicópteros, em 12 de abril de 1975 e no dia 17 o

Exército Popular de Libertação do Camboja, liderado por Pol Pot e Khieu Samphan, estava plenamente vitorioso.

No Laos, os fatos tomaram a mesma configuração ocorrida no Camboja, reproduzindo o conflito global na Indochina. Após os Acordos de Paris, em janeiro de 1973, os Estados Unidos iniciaram a retirada paulatina dos seus assessores militares no país, bem como reduziram o apoio econômico e cessaram os bombardeios da Trilha Ho Chi Minh. Em decorrência, os comunistas do Pathet Lao, apoiados pelo ENV, acumularam importantes vitórias sobre o governo neutralista do príncipe Suvana Fuma, apesar de ter sido assinado em fevereiro de 1973 um acordo de cessar-fogo. No ano de 1975, as conquistas territoriais dos comunistas passaram a ocorrer em ritmo veloz e, por fim, em 3 de dezembro daquele ano, foi abolida a monarquia laociana, sendo instalada a República Democrática Popular do Laos. Seu primeiro presidente foi o fundador do Pathet Lao, príncipe Suvanavong (meio-irmão de Suvana Fuma), que manteve o ex-monarca Savang Vatthana, como seu assessor.

No Vietnã do Sul a ofensiva final norte-vietnamita (Fig 8-2) teve início em fevereiro de 1975, no Planalto Central, com a rápida conquista do Ban Me Thout, capital da província de Dar Lac, por tropas comandadas pelo Gen Van Thieu Dung, o segundo da hierarquia do ENV.

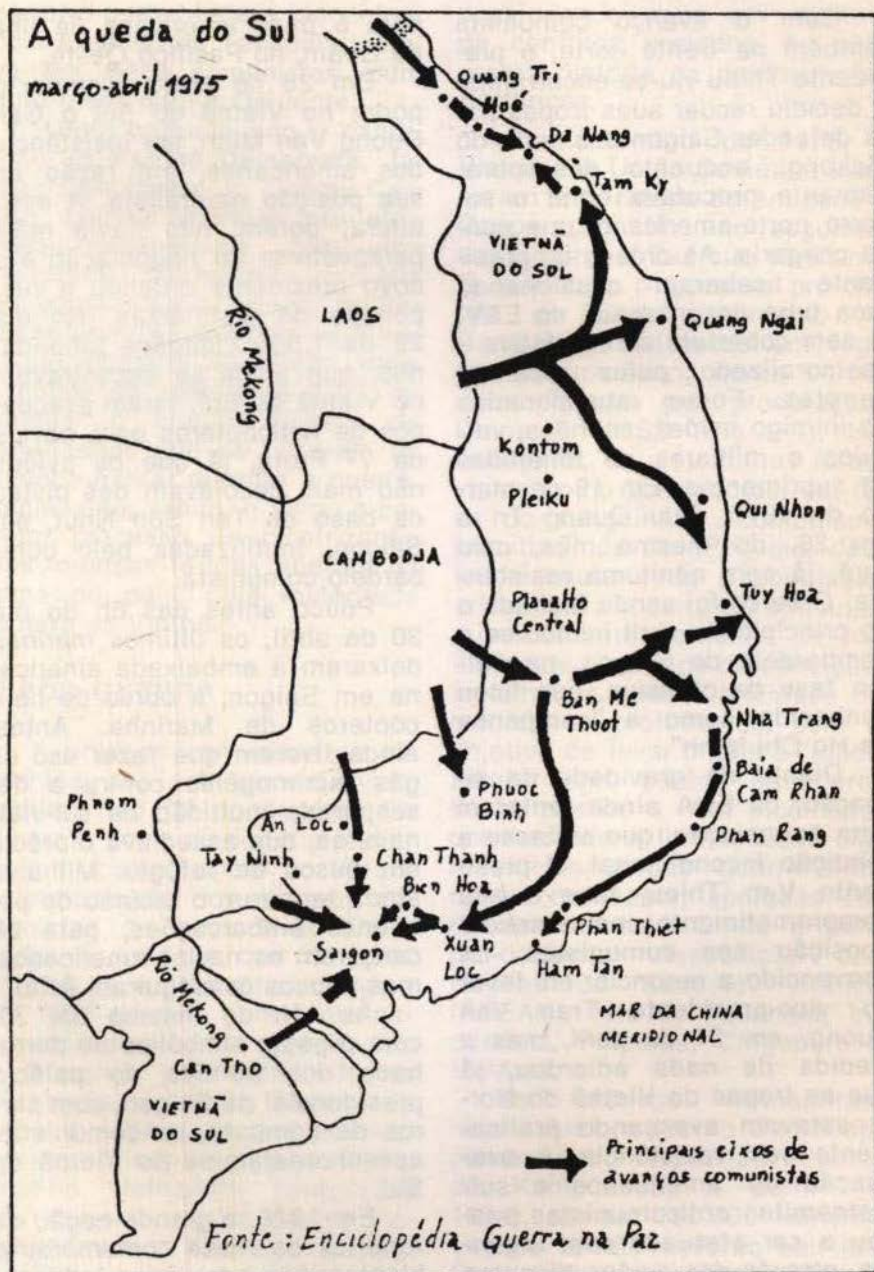


Fig 8-2



Com o avanço comunista também na frente norte, o presidente Thieu viu-se encurralado e decidiu recuar suas tropas para defender Saigon e o delta do Mekong, enquanto desesperadamente procurava obter o socorro norte-americano, que nunca chegaria. As ordens do presidente acabaram ocasionando uma fuga desordenada do ESV, já sem cobertura aérea efetiva e desmoralizado pelas recentes derrotas. Foram abandonados ao inimigo aviões, canhões, veículos e milhares de toneladas de suprimentos. Em 19 de março de 1975, caiu Quang Tri e em 26, do mesmo mês, caiu Hué, já sem nenhuma resistência. O cerco foi sendo fechado e no princípio de abril iniciou-se o bombardeio de Saigon, na última fase da ofensiva, que ficou conhecida como a "campanha de Ho Chi Minh".

Diante da gravidade da situação, os EUA ainda tentaram uma negociação, que evitasse a rendição incondicional. O presidente Van Thieu, face o seu comprometimento com a severa oposição aos comunistas, foi convencido a renunciar em favor do vice-presidente Tran Van Huong, em 21 de abril, mas a medida de nada adiantou, já que as tropas do Vietnã do Norte estavam avarçando praticamente sem resistência. A evacuação de americanos e sul-vietnamitas anticomunistas passou a ser efetuada com urgência, através dos aviões gigantes C-130 e C-141, que decolavam

para a base americana na ilha de Guam, no Pacífico Oeste.

Em 28 de abril, assumiu o poder no Vietnã do Sul o Gen Duong Van Minh, por insistência dos americanos, em razão de sua posição neutralista. A essa altura, porém, não havia mais perspectivas de negociação e o novo presidente ordenou a suspensão da resistência. No dia 29 os 1.500 cidadãos americanos, que ainda se encontravam no Vietnã do Sul, foram evacuados de helicópteros para navios da 7ª Frota, já que os aviões não mais decolavam das pistas da base de Tan Son Nhut, em Saigon, inutilizadas pelo bombardeio comunista.

Pouco antes das 8h do dia 30 de abril, os últimos *marines* deixaram a embaixada americana em Saigon, a bordo de helicópteros da Marinha. Antes, ainda tiveram que fazer uso de gás lacrimogênio contra a desesperada multidão de sul-vietnamitas, que assediava o prédio em busca de refúgio. Milhares ainda tentaram o recurso de pequenas embarcações, para alcançarem os navios americanos, mas poucos conseguiram êxito.

Às 11h do mesmo dia 30, com o gesto simbólico de derrubada dos portões do palácio presidencial de Saigon, com carros de combate, os comunistas assenhorearam-se do Vietnã do Sul.

Em 1976, a grande nação da América do Norte comemorou o bicentenário de sua independência, com o gosto amargo da



derrota: quase toda a Indochina, com exceção da Tailândia, estava em mãos comunistas, num duro revés para o Ocidente.

Ainda naquele ano o candidato do Partido Democrata, James Earl Carter Jr. (Jimmy Carter), saiu-se vitorioso nas eleições presidenciais, com uma plataforma nitidamente contrária a qualquer envolvimento militar americano no sudeste asiático. O seu primeiro ato oficial, após a posse em janeiro de 1977, foi anistiar o grande número de americanos que se furtaram ao serviço militar durante a guerra. Iniciava-se, assim, o longo e penoso processo de cicatrização das imensas feridas abertas na alma do país, pela malograda Guerra do Vietnã.

## O PÓS-GUERRA

A unidade comunista na Indochina, sob a hegemonia vietnamita, não foi conseguida facilmente como se poderia prever após o maciço apoio do Vietnã à implantação dos regimes comunistas do Laos e do Camboja. É verdade que no Laos não houve muitas dificuldades e em 1977 os dois países assinaram acordos, sendo reconhecida a liderança do Vietnã. Já no Camboja, a secular hostilidade entre a nação khmer e os vietnamitas (ainda no século XVIII o império vietnamita conquistou aos khmers o delta do rio Mekong) levou o líder cambodjano Pot Pol a repelir a tutela de Hanói e buscar o apoio chinês,

ocasionando mais um capítulo de conflitos armados, na sangrenta história da península indochinesa.

Em setembro de 1978, o Vietnã e a União Soviética assinaram um Tratado de Amizade e Cooperação. No ano seguinte, em janeiro, o Exército vietnamita derrubou o governo pró-chinês do Khmer Vermelho no Camboja, instalando um regime pró-soviético, numa verdadeira "guerra por procuração" China X URSS (Fig 9-1). Inicialmente, os vietnamitas foram vistos como libertadores, em face do sanguinário "comunismo primitivo" de Pot Pol, que deslocou quase toda a população urbana para o campo e executou sumariamente centenas de milhares de suspeitos de oposição, incluindo a quase totalidade de médicos e professores, com o objetivo de levar o país à "idade zero". Logo, porém, essa presença passou a ficar incômoda, ocasionando a formação de significativas forças guerrilheiras contra o invasor, apoiadas curiosamente pela China e pela pró-ocidental Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), isto é, Tailândia, Indonésia, Filipinas, Cingapura e Malásia.

Os efetivos vietnamitas, hoje estacionados no Camboja (denominado República Popular do Kampuchea, a partir de 1975), somam 180.000 homens, que de lá não deverão sair antes de 1995, segundo o próprio governo de Hanói. Os guerrilhei-



ros continuam atuando, utilizando-se de "santuários" na Tailândia.

Sobre o confronto China X URSS, é bastante curiosa a afirmação (propositalmente exagerada) do Gen Vernon A. Walters, ex-vice-diretor da CIA, a um general soviético, sobre o favor prestado aos soviéticos pelos EUA, ao intervirem no Vietnã: "... enquanto estivermos no Vietnã, os chineses ficarão preocupados com sua fronteira sul. Quando essa preocupação cessar, eles se voltarão para a fronteira norte. No momento, nós, os norte-americanos, enfrentamos algumas dificuldades com os chineses, mas, mercê de Deus, não temos seis mil quilômetros de fronteira comum, nem disputas territoriais, e eles são oitocentos milhões".<sup>2</sup>

Como "punição" ao Vietnã, pela invasão do Cambodja, os chineses cruzaram a fronteira sino-vietnamita em fevereiro de 1979 (Fig 9-1). Esse ataque foi realizado apenas com tropas terrestres, em função do temor da ampliação das proporções do conflito, e as operações foram de pequena envergadura. Depois de apenas dezessete dias de luta e da conquista de Lang Son, o governo de Pequim ordenou a retirada, declarando-se vitorioso. Na realidade, o ELP (Exército de Libertação Popular) estava despreparado para enfrentar o adestrado inimigo vietnamita e sofreu pesadas baixas, apesar do Vietnã não possuir tropas de primeira linha na

região (o grosso de suas forças estava no Cambodja).

A imprensa quase não teve acesso às zonas de combate e não se pode declarar com certeza se houve um vencedor, mas uma conseqüência dramática da guerra entre a China e o Vietnã foi divulgada amplamente: os "boat people". Essa denominação se referia à minoria chinesa Hoa, que passou a fugir em massa do Vietnã (na verdade uma deportação), em pequenos barcos, que em grande parte naufragavam. Calcula-se que cerca de 400.000 Hoas abandonaram o Vietnã entre março e julho de 1979.

Hoje, a situação do sudeste asiático é vista da seguinte forma: de um lado os países membros da ASEAN (aliados dos EUA) e de outro a tráfade comunista da península indochinesa (apoiada pela URSS). Logo após a Guerra do Vietnã, houve uma tentativa de aproximação entre essas duas partes, mas que logo foi abandonada pelos membros da associação, quando os vietnamitas invadiram o Cambodja. Persiste, agora, um estado de tensão na área, que só será atenuado após o improvável reatamento entre chineses e russos. Quanto aos EUA, mesmo perdendo posições na Indochina, ainda conservam um poderoso sistema de defesa para o sudeste asiático, cuja base é o arquipélago da Micronésia, onde se destacam as instalações militares da Ilha de Guam, vértice de braços que se estendem para



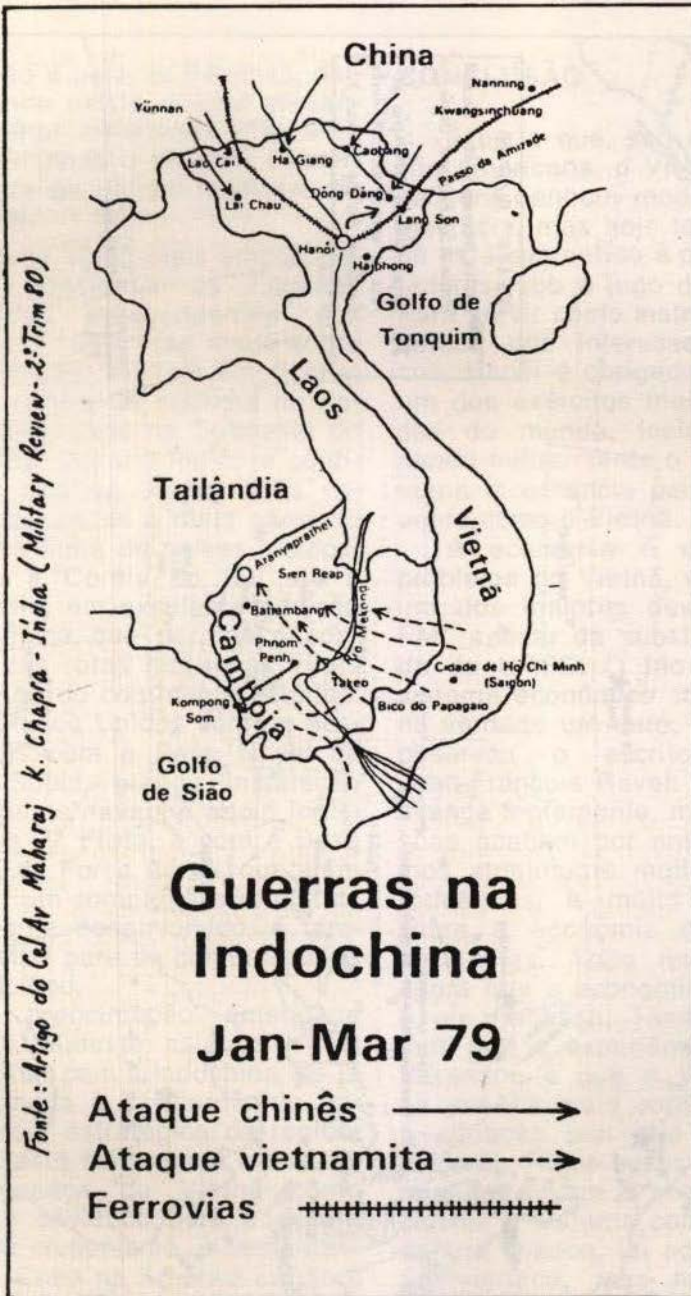


Fig 9-1







o Japão e para as Filipinas, países onde existe maciça presença militar americana (Fig 9-2). Das Filipinas o sistema converge para os países membros da ASEAN.

Numa visão mais ampla, pode-se considerar as Filipinas (tornadas independentes dos EUA em 1946, mas ainda sobre a proteção militar americana) como centro do sistema de defesa americano no Sudoeste do Pacífico, Oceano Índico e continente asiático. Essas ilhas estão localizadas a meio caminho de uma linha de países aliados, desde a Coreia do Sul até a Austrália, em excelente posição estratégica que permite o controle das rotas marítimas vitais ao longo do continente asiático. Os Estados Unidos contam nesse país com a Base Naval da Baha Subic, grande instalação de reparos navais e apoio logístico da 7ª Frota, e com a Base Clark, da Força Aérea, que além de ser um complexo aeronáutico altamente desenvolvido, é também vital para as comunicações no Pacífico.

A preocupação americana com o Sudeste asiático e em particular com a Indochina, se já era devida à extraordinária importância estratégica da região, agora está aumentada em razão da ameaça do Vietnã como agente soviético para a expansão do comunismo, à semelhança de Cuba na América Latina e na África. Tudo leva a crer que a Indochina ainda está longe de alcançar uma paz duradoura.

## CONCLUSÃO

É certo que, sob a intervenção americana, o Vietnã do Sul não era nenhum modelo de democracia, mas hoje todo o Vietnã está submetido à pior das ditaduras, sob o jugo de Moscou. Para servir como instrumento de defesa dos interesses soviéticos, Hanói é obrigada a manter um dos exércitos mais numerosos do mundo, inclusive ocupando militarmente o Cambodja, numa incoerência para um país pobre como o Vietnã.

A economia é o principal problema do Vietnã, atualmente um dos maiores devedores do FMI, apesar da substancial ajuda da URSS. O tão propalado sistema econômico comunista é na verdade um mito, como bem observou o escritor francês Jean-François Revel: "A história avança lentamente, mas as pessoas acabam por entender. Temos atualmente muito mais informações, e muito melhores, sobre a economia dos países socialistas. Todo mundo sabe agora que a economia soviética é um fracasso. Também sabemos que a experiência chinesa fracassou e que o Vietnã vive na miséria mais completa, com a situação pior que na época colonial. Todos esses elementos reunidos levam à seguinte conclusão: o sistema comunista teve sua chance, foi aplicado, experimentado, mas não funcionou".<sup>3</sup>

Além da miséria, o povo vietnamita ainda é vítima das



violências do regime de Hanói. Em 1985, a Suécia, principal país não-comunista a prestar ajuda econômica ao Vietnã, ameaçou suspendê-la caso não fossem eliminados os trabalhos forçados em uma fábrica de papel, financiada com capital sueco, no norte do país. De onde se comprova que o fato de o Vietnã ter sido signatário da Convenção de Direitos Civis e Políticos, em 1982, se deveu a objetivos exclusivamente propagandísticos. Atualmente, inclusive, existe uma campanha da Anistia Internacional pela libertação de presos políticos no Vietnã.

É inevitável agora que se faça, após essa ligeira visão panorâmica da situação atual do Vietnã, uma comparação dos americanos na Indochina com os soviéticos desde 1979 no Afeganistão. Há mais diferenças do que similitudes, como por exemplo em relação à localização geográfica (o Vietnã está a milhares de quilômetros dos EUA, enquanto o Afeganistão é limítrofe com a URSS), à ajuda externa (o Vietnã do Norte recebeu auxílio de grande monta da China e da URSS, enquanto o Afeganistão não é suprido extensivamente por fontes estrangeiras) e à cobertura da imprensa (no Vietnã a imprensa foi uma das causas do insucesso americano, enquanto no Afeganistão existe uma rígida censura), mas a diferença fundamental, entre as duas intervenções, reside nos objetivos políticos.

Apesar de Washington ter

sido acusada de indefinição quanto à formulação de objetivos políticos mais específicos para os EUA no Vietnã, é fácil perceber que os americanos não nutriam nenhum desejo de conquista territorial, e sim de impedir a expansão do comunismo na região. Com a União Soviética a situação é diferente, já que a doutrina comunista é nítida na busca da dominação mundial e, além disso, os soviéticos têm toda uma tradição, desde o Czar Pedro, o Grande, de buscar o acesso aos mares quentes do sul (um dos objetivos atuais do MCI), já que a maioria de seus portos passa por grandes períodos congelados. O controle do Afeganistão deixaria a URSS a um passo do Mar da Arábia, o que se concretizaria após a vitória, com o apoio dos soviéticos, do movimento de independência do Baluquistão, que é um território ao sul do Afeganistão, com partes no Irã e no Paquistão, prolongando-se até o litoral (Fig 10-1).

Jane Kirkpatrick, ex-embaixadora dos EUA na ONU, abordou da seguinte forma as duas intervenções, em entrevista para as páginas amarelas de *Veja*: "Pode-se fazer qualquer tipo de comparação, mas as duas situações são muito diferentes. Os Estados Unidos mandaram milhares de soldados ao Vietnã do Sul não para conquistar aquele país, mas para tentar assegurar sua independência. Embora muitos dissessem na época que não haveria nenhuma tentativa de

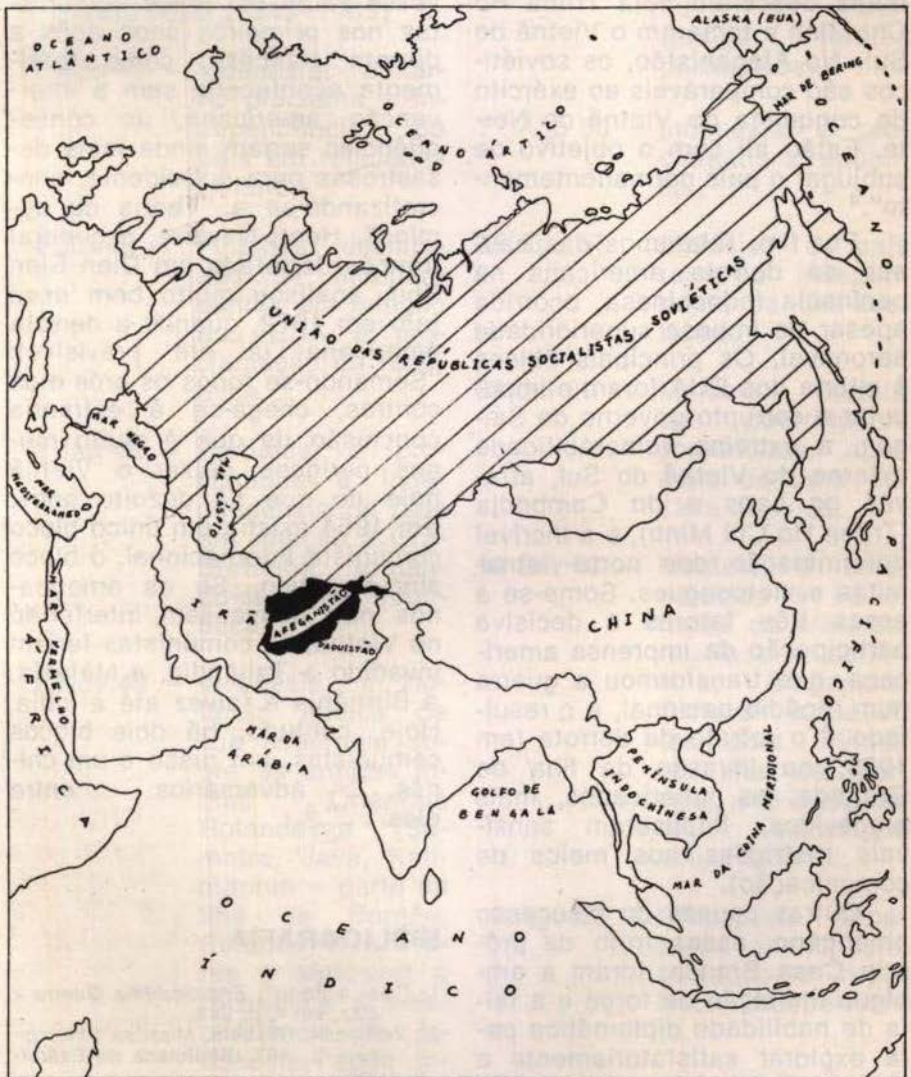


fig 10-1



invasão por parte do Vietnã do Norte, foi isso exatamente o que ocorreu: as tropas norte-vietnamitas desceram pela Trilha Ho Chi Minh e tomaram o Vietnã do Sul. No Afeganistão, os soviéticos são comparáveis ao exército de conquista do Vietnã do Norte. Estão ali com o objetivo de subjugar o país permanentemente".<sup>4</sup>

Por fim, falaremos das causas da derrota americana na península indochinesa, ocorrida apesar de imensa superioridade aeronaval. Os principais óbices à vitória dos EUA foram o impopular e corrupto governo de Saigon, a extrema vulnerabilidade externa do Vietnã do Sul, através do Laos e do Camboja (Trilha Ho Chi Minh), e a incrível determinação dos norte-vietnamitas e vietcongues. Some-se a esses três fatores a decisiva participação da imprensa americana, que transformou a guerra num repúdio nacional, e o resultado é o retrato da derrota (em 1983, na invasão da Ilha de Granada), os americanos, mais precavidos, impuseram sensíveis restrições aos meios de comunicação).

Outras causas do insucesso americano, essas fruto da própria Casa Branca, foram a ambígua limitação de força e a falta de habilidade diplomática para explorar satisfatoriamente a cisão sino-soviética. A limitação de força, por sinal, foi fruto de uma precária estratégia política.

Apesar de derrotados, porém, não foi em vão a tentativa

dos americanos de impedir a expansão comunista no sudeste asiático. Caso a Indochina tivesse caído em mãos comunistas nos primeiros anos após a derrota francesa, como fatalmente aconteceria sem a intervenção americana, as consequências seriam ainda mais desastrosas para o Ocidente, concretizando-se a "Teoria do domínio". Henri Navarre, o general francês derrotado em Dien Bien Phu, analisou muito bem esse fato em 1972, quando a derrota americana já era previsível: "Somando-se todos os prós e os contras, chega-se à estranha conclusão de que é muito menos perigoso deixar o Vietnã hoje do que há dezoito anos. Em 1954 existia um único bloco comunista internacional, o bloco sino-soviético. Se os americanos não houvessem interferido no Vietnã, os comunistas teriam invadido a Tailândia, a Malásia, a Birmânia e talvez até a Índia. Hoje, contudo, há dois blocos comunistas, um russo e um chinês, adversários entre eles...".<sup>5</sup>

## BIBLIOGRAFIA

1. "Cai o Pano", *Enciclopédia Guerra e Paz*, vol 4, p. 942.
2. Vernon A. Walters, *Missões Silenciosas*, p. 407 (Biblioteca do Exército).
3. Jean-François Revel, entrevista, *Revista Veja*, 24 Jul 85, p. 8.
4. Jane Kirkpatrick, entrevista, *Revista Veja*, 10 Jul 85, p. 6.
5. Henry Navarre, entrevista, *Revista Realidade*, Ago 72, p. 130.

## ANEXO I

## CRONOLOGIA DO SUDESTE ASIÁTICO (1945-1985)

- 17 Ago 45 - Indonésia: Sukarno proclama a independência do país em relação à Holanda.
- 4 Jul 46 - Filipinas: declaração de independência em relação aos EUA e proclamação da república.
- 4 Jan 48 - Birmânia: é proclamada a independência do país em relação à Grã-Bretanha, tornando-se uma república.
- 2 Nov 49 - Indonésia: a Holanda abdica de sua soberania sobre as antigas Índias Orientais Holandesas (Sumatra, Java, Kalimantan - parte da ilha de Bornéu, Célebes, Bali, Flores e Molucas) e reconhece a independência da Indonésia, após intensas lutas. Posteriormente, em 1967, também seria reconhecida a soberania da Indonésia no Irian Barat (Nova Guiné Ocidental) e em 1976 no Timor (antiga colônia portuguesa).
- 17 Ago 50 - Indonésia: é proclamada a república.
- 31 Ago 57 - Malásia: o país torna-se independente da Grã-Bretanha.
- 31 Jul 60 - Malásia: derrota dos guerrilheiros comunistas, após mais de uma década de lutas.
- 16 Set 63 - Malásia: é estabelecida a Federação da Malásia, reunindo a península, Cingapura, Sarawak e Sabah (os dois últimos na ilha de Bornéu), sob o regime de monarquia constitucional.
- 9 Ago 65 - Cingapura: separação da Malásia, tornando-se república independente.
- 1 Jan 84 - Brunei: o antigo protetorado inglês da ilha de Bornéu torna-se independente (sultanato).



## ANEXO II

### MAPA POLÍTICO DO SUDESTE ASIÁTICO



## BIBLIOGRAFIA GERAL

1. *Almanaque Abril*, São Paulo, 1983.
2. Artigos e reportagens diversas das *Revistas Fatos e Fotos, Manchete e Veja*, e dos jornais *Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, O Globo e Última Hora*.
3. *Atlas Histórico Escolar*, Rio de Janeiro, MEC, 1967.
4. "BELMONTE" (Benedito Bastos Barreto). *Caricatura dos Tempos*, São Paulo, Melhoramentos/Cfrculo do Livro, 1982.
5. BOUTHOU, Gaston e CARRÈRE, René. *O Desafio da Guerra*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979.
6. BROWN, George S. "A Importância Estratégica de Sete Áreas Internacionais Vitais", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 685, 1979.
7. CALLADO, Antonio. "Um Piloto Americano e Uma Herofina do Vietnã", artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, 20 Out 1978.
8. CASTRO, Tiago Castro de. *Espaços Geográficos*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1985.
9. CHOPRA, Maharaj K. "Indochina: A Arena Eterna", *Military Review*, Kansas, 2º Trim 1980.
10. CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e Terroristas*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
11. *Conflitos Ideológicos*, Rio de Janeiro, Liga de Defesa Nacional (folheto transformado em Nota de Aula da Cadeira de Filosofia, AMAN, 1973).
12. DE GAULLE, Charles. *Memórias de Guerra*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1979.
13. DIESEL, Airton Flávio. *Os Objetivos Atuais do MCI*.
14. FOWLER, John G. Jr. "Coesão de Combate no Vietnã", *Military Review*, Kansas, 2º Trim 1980.
15. FREGAPANI, Célio Augusto Barbosa. "As Guerras da Coreia, do Vietnã e das Malvinas e a Proliferação Nuclear", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 720, 1985.
16. "Grandes Fatos do Século Vinte" (coleção de livros editada em fascículos), Rio de Janeiro, Editora Rio Gráfica, 1984.
17. "Guerra na Paz" (coleção de livros editada em fascículos), Rio de Janeiro, Editora Rio Gráfica, 1984.
18. HEYNS, Terry L. "Afeganistão: O Vietnã da União Soviética?", *Military Review*, Kansas, 1º Trim 1981.
19. KEEGAN, John. *Dien Bien Phu* (Vol. 11 da Coleção História Ilustrada do Século da Violência), Rio de Janeiro, Editora Renes, 1978.
20. KIRKPATRICK, Jeane. Entrevista à Flávia Sekles, *Revista Veja*, São Paulo, 10 Jul 1985.
21. KISSINGER, Henry. "Meus Tempos de Casa Branca" (13ª parte), *Folha de São Paulo*, 6 Out 1979.
22. KLEINMAN, Forrest K. "A Lição Perdida do Vietnã", *Military Review*, Kansas, 2º Trim 1981.
23. LE MAY, Curtis E. e SMITH, Dale O. *USA em perigo*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1970.
24. MARTIN, Ralph G. "Os Últimos Dias de Kennedy" (4ª parte), encarte da *Revista Manchete*.
25. NASCIMENTO, Dutelvir Pereira do. "Extremo Oriente - Índia - Austrália", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 676, 1978.
26. NAVARRE, Henri. Entrevista a Sandro Ottolenghi, *Revista Realidade*, São Paulo, nº 77, 1972.
27. Notas de Aula da Cadeira de Geografia, AMAN, 1973.
28. *Novíssima Enciclopédia Delta Larousse* (editada em fascículos), Editora Delta, Rio de Janeiro, 1982.
29. PAUWELS, P. Geraldo José. *Atlas Geográfico Melhoramentos*, São Paulo, 1973.
30. POECK, João Alfredo. "A Estratégia Norte-Americana no Vietnã", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 723, 1986.
31. REVEL, Jean-François. Entrevista a Paulo Moreira Leite, *Revista Veja*, São Paulo, 24 Jul 1985.
32. SANTOS, Carlos Pinto. Reportagem dedicada aos 10 anos da unificação do Vietnã, *Cadernos do Terceiro Mundo*, Rio de Janeiro, nº 82, 1985.
33. SAVAGE, Paul L. e CABRIEL, Richard A. "Coesão e Desintegração do Exército Norte-Americano", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 675, 1978.
34. TAMBS, Lewis A. "Influência da Geopolítica na Política e na Estratégia das Grandes Potências", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 690, 1980.



35. WALTERS, Vernon A. *Missões Silenciosas*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1986.
36. WESTMORELAND, William C. "O Vietnã em Perspectiva", *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, nº 685, 1979.
37. *World Atlas and Gazetteer*, encarte agenda Rhoddia S.A. 1984 (agenda Pombo ref. 480).



**ANTONIO SERGIO GEROMEL** – Major do Exército. Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras (1974) e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (1984), além do Curso de Técnica de Ensino, do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, do Ministério da Marinha (1980). É bacharel em Ciências de Mato Grosso. Campo Grande, M.S. Exerce, atualmente, a função de Diretor de Telecomunicações, Brasília-DF.

---